

A CRISE ECOLÓGICA É CULPA DO NOSSO COLAPSO DE CONSCIÊNCIA

THE ECOLOGICAL CRISIS IS OUR CONSCIOUSNESS COLLAPSE'S FAULT

LA CRISIS ECOLÓGICA ES CULPA DE NUESTRO COLAPSO DE CONSCIENCIA

Denis Kauan dos Santos¹
José Carlos Moraes²

Resumo

Quando falamos de natureza, estamos nos referindo também à ecologia e à sustentabilidade. Há uma crescente discussão — nessa noção de proteção ambiental —, sobre o que devemos fazer e como devemos fazer. No entanto, antes de qualquer coisa, deve-se criar uma consciência de responsabilidade ecológica, para que a defesa da natureza aumente paulatinamente. Essa consciência ecológica acontece quando nos percebemos como pertencentes à natureza — e que atuamos sobre ela —, e não como superiores a ela. O mundo não é algo que nos foi dado para usufruirmos dele até o seu esgotamento, mas sim para podermos viver em harmonia com a natureza e seus componentes, sejam eles animais ou plantas. Logo depois de se criar essa consciência, deve-se saber o que fazer com ela; não é suficiente entender que alguma coisa necessita ser feita para que se produza uma mudança no quadro ecológico do mundo. Para que isso aconteça, se faz necessário conhecer-nos a nós mesmos e conhecer o mundo, pois, depois desse entendimento sobre o nosso pertencimento à natureza, pequenas ações podem ser tomadas para uma luta ecológica integral.

Palavras-chave: Teologia. Natureza. Meio ambiente. Ecologia.

Abstract

When we talk about nature, we are also referring to ecology and sustainability. There is a growing discussion — in this notion of environmental protection — about what we should do and how we should do it. However, before anything else, an awareness of ecological responsibility must be created, so that the defense of nature increases gradually. This ecological awareness happens when we perceive ourselves as belonging to nature — and that we act on it — and not as superior to it. Right after creating this awareness, one must know what to do with it; it is not enough to understand that something needs to be done to bring about a change in the ecological framework of the world. Thus, it is necessary to know ourselves and the world, because, after this understanding about our belonging to nature, small actions can be taken for an integral ecological struggle.

Keywords: Theology. Nature. Environment. Ecology.

Resumen

Quando hablamos de naturaleza, nos estamos refiriendo también a la ecología y a la sostenibilidad. Existe una creciente discusión — en esa noción de protección ambiental — sobre lo que debemos hacer y cómo lo debemos hacer. Sin embargo, antes de cualquier cosa, se debe crear una conciencia de responsabilidad ecológica, para que la defensa de la naturaleza aumente paulatinamente. Esa conciencia ecológica sucede a partir del momento en que nos percibimos como pertenecientes a la naturaleza — y que actuamos sobre ella —, y no como superiores a ella. El mundo no es algo que se nos dio para que lo usemos hasta su agotamiento, sino para que podamos vivir en armonía con la naturaleza y sus componentes, animales o plantas. Una vez creada esa conciencia, se debe saber qué hacer con ella; no es suficiente entender que algo debe hacerse para que se produzca un cambio en el cuadro ecológico del mundo. Para que ello pueda ocurrir, se hace necesario conocernos a nosotros mismos y conocer al mundo, pues con el reconocimiento de nuestra pertenencia a la naturaleza, pequeñas acciones pueden ser desarrolladas en el sentido de una lucha ecológica integral.

Palabras-clave: Teología. Naturaleza. Medio ambiente. Ecología.

1 Introdução

¹ Graduado em Filosofia e estudante de Teologia no Centro Universitário UNINTER. Email: d3nkfilosofia@gmail.com.

² Professor no Centro Universitário Internacional UNINTER.

O debate sobre a sustentabilidade é sempre fervoroso e parece não ter fim. No entanto, há caminhos que podem e devem ser seguidos para ajudar-nos a entender melhor o grande problema ambiental, que é a preservação da Natureza³. É de conhecimento geral a nossa dependência em relação ao mundo natural e por isso precisamos defender o meio ambiente e protegê-lo contra os males que nós mesmos causamos. Todos pertencemos ao mesmo mundo e, fazendo parte dessa trama ecológica, temos que assumir uma posição frente à proteção ambiental.

Atualmente, nos sentimos como se estivéssemos soltos em um cosmos vazio de sentido e não nos responsabilizamos por uma ética que pode e deve ser compartilhada; no entanto, já começamos a sentir o peso dessa escolha. Há alguns métodos que nos ajudam a entender melhor o problema da sustentabilidade e que nos proporcionam uma visão clara do quadro geral. O ponto de partida para uma atitude sustentável é o da consciência que, como tal, deve aflorar em todos os seres humanos (KRENAK, 2019, p. 22-29).

Neste trabalho, quando mencionamos a Natureza, também nos estaremos referindo ao Meio-Ambiente, pois compreendemos que um é intrínseco e necessário ao outro. É justamente na consciência da necessidade e da proximidade entre Natureza e Meio-Ambiente que surge a perspectiva de proteção. Afinal, deve-se compreender que todos estamos interligados pelo dom da criação divina e que dependemos do mundo no qual vivemos.

Difícilmente se duvidaria da responsabilidade que os humanos têm com a Natureza. A grande questão é que de nada adianta termos a noção de que devemos preservar a Natureza se não houver uma consciência plena de tal atitude. Nesse sentido, podemos contar com a Igreja, como uma apoteótica e milenar estrutura de consciência que, no decorrer de sua história, sempre foi orientadora de seus fiéis e da humanidade em geral.

Atualmente, tem-se um desenvolvimento asfíxiante, que leva ao descarte e à cultura do consumo, que torna o planeta um grande lixão (VATICANO, 2019). A Igreja, nesse momento de crise ecológica, surge como uma espécie de luz no fim do túnel para nos ajudar a tomar consciência do nosso dever para com a Natureza. Contudo, o que há para ser feito depois disso? Podemos chegar a um ponto, embora dificultoso, em que ainda seja possível que nós, humanos, tenhamos consciência de nossa responsabilidade ambiental; mas e depois? Conforme afirma o papa Francisco, somos chamados a nos tornar instrumentos de Deus Pai para que o nosso

³ De aqui em diante, neste trabalho, utilizaremos a palavra *Natureza* sempre em maiúscula, pois a palavra será sempre referência abrangente, que se relaciona tanto com a ação e vida humana quanto com o ecossistema, tais como árvores, plantas e animais.

planeta seja o que Ele sonhou ao criá-lo, ou seja, um lugar de paz, harmonia, beleza e plenitude (FRANCISO, 2015).

Talvez o maior problema seja a tomada de consciência de nossa responsabilidade com a Natureza, porém, também devemos pensar no que fazer depois. Afinal, uma pessoa pode muito bem entender suas responsabilidades com o mundo e, ainda assim, continuar jogando lixo na rua. Por isso, a ideia de que a sustentabilidade não é algo estático é correta. Ou seja, cuidar da Natureza não é algo que deve ser feito de vez em quando, ou apenas uma vez, mas sempre. É difícil mudarmos no mundo a consciência da exploração da Natureza; essa é e sempre será uma atividade trabalhosa e contínua, algo que deve ser passado de geração em geração, até começarmos a mudar o atual quadro de destruição para um de harmonia e respeito.

2 O despertar da consciência

Quando se debate sobre Natureza, quase de imediato surge na discussão a necessidade de defendê-la dos males que nós mesmos causamos. No entanto, anterior a isso, deve-se compreender profundamente o conceito de Natureza e, com ele, o de meio ambiente — aqui, como já dissemos anteriormente, ao falarmos de Natureza também estaremos nos referindo ao meio ambiente. Há profundas discussões sobre o que seja a Natureza, um tema complexo e que demanda tempo; por isso, vamos nos referir a ela de maneira geral, ou seja, àquela que nos proporciona a vida, pelo oxigênio das árvores e pelo ecossistema que envolve todos os seres vivos.

Segundo Freud (2010, p. 34), ninguém alimenta a ilusão de que a Natureza já foi vencida ou de que um dia será vencida. Ou melhor, ninguém tem em consciência a ideia de que ela irá se submeter ao ser humano. Contudo, vivemos em um mundo totalmente mecanizado e, muitas vezes, utilizamos os nossos recursos com essa mentalidade mecânica também. Esse pensamento, infelizmente, está nos levando a pensarmos na Natureza não como uma Irmã, conforme afirmava São Francisco de Assis, citado pelo papa Francisco (FRANCISCO, 2015, p. 52) ⁴, mas como algo que nos foi dado para tirar proveito e usá-lo até chegar ao seu esgotamento.

Parte dessa destruição da Natureza — que vemos diariamente noticiada em todos os lugares —, é fruto de uma visão antropológica que surgiu no começo da Modernidade, quando o mundo ocidental abandonou a visão teocêntrica. Assim, o homem foi colocado em pauta e levado a uma importância nunca antes vista; por isso, passou a ignorar o que lhe foi

⁴ Papa Francisco, nome de batismo Jorge Mario Bergoglio.

proporcionado como dádiva e como parte da criação divina e pensa que a Natureza é algo de que pode usufruir até o fim. Sendo assim, a Igreja tem uma responsabilidade cada vez mais crucial, tanto como orientadora dos seres humanos, como no sentido de constituir-se em uma luz esperançosa, de uma ação no mundo, por parte dos seus fiéis e leigos.

Conforme afirma o papa Francisco no *Laudato Si'*:

Mas a espiritualidade precisa ser traduzida em ação. Existe um chamado a uma conversão ecológica do coração que implica a gratidão, a sobriedade e a moderação — a capacidade de ser feliz com pouco; para não sucumbir à tristeza por aquilo que nos falta (FRANCISCO, 2015, p. 164-166).

Podemos perceber que a fala do papa remete justamente a uma luta diária, afinal de contas, de nada adianta uma espiritualidade que não leve em conta o mundo ao redor. No entanto, para que essa luta seja sempre reafirmada e contínua, deve-se entender o Mundo e a Natureza e, principalmente, saber apreciá-los como formadores de vida e de humanidade. A partir do momento em que temos em conta a Natureza não como algo que nos foi dado para dominar e destruir, mas sim como uma parcela importante e regimentar de nossa existência, conseguimos formar a consciência de que devemos preservá-la.

Conforme nos diz o Documento Preparatório para o Sínodo da Amazônia, no relato bíblico está plantado o embrião da promessa e a semente da esperança. Na história da Salvação, Deus quer fazer uma “aliança” entre o ser humano e a Terra (VATICANO, 2019). Com essa ideia em mente, percebemos que há uma grande responsabilidade nossa dentro da Igreja, enquanto atuantes no mundo. Os cristãos podem e devem ser grandes formadores de opinião e principalmente de ações exemplares. Parte da consciência ecológica que falta no mundo é também responsabilidade nossa, e não apenas do mundo em si.

Afinal, quando temos a noção de que precisamos da Natureza e não o contrário, vemos que cuidar dela é, na verdade, cuidar de nós mesmos. Porém, quando esse cuidado surge de verdade? Há sempre uma tensão entre desenvolvimento e sustentabilidade, e quando essa questão se apresenta, opta-se sempre pela deterioração do meio ambiente em favor do desenvolvimento e do progresso (BOFF, 2004, p. 19). Eis que surge a nossa responsabilidade, para termos consciência do cuidado da Natureza e ajudar a criar, ou simplesmente, ajudar a aflorar a consciência no mundo.

Por exemplo, quando lemos um trabalho que fala abertamente sobre a luta para uma sustentabilidade harmônica com o mundo, sabemos que possivelmente esse trabalho será impresso, ou seja, feito com árvores que foram cortadas. Uma vez que não podemos simplesmente evitar que árvores sejam cortadas para fabricação de papel, podemos ter o

cuidado de separarmos o nosso lixo, aí o papel que jogamos fora poderá ser reciclado no futuro. Ou seja, não podemos pensar e deixar a preocupação para os outros, devemos nos preocupar com o mundo e com a Natureza, mas também devemos fazer algo para que esse quadro de destruição mude, de alguma forma.

Conforme afirma Leonardo Boff:

Não podemos seguir com o paradigma da modernidade que entende a atividade humana como transformação da Natureza, a serviço do progresso linear ilimitado, sem consideração da lógica interna da Natureza. Hoje é imperativo: não modificar, mas conservar o mundo. Mas para conservar o mundo precisamos mudar de paradigma e converter as mentes coletivas para outros objetivos menos destruidores (BOFF, 2004, p. 12).

Por isso, temos que ter a consciência de que também somos responsáveis; apenas assim alguma coisa pode ser feita. A frase que inaugura a filosofia no século VI a.C. — “Conhece a ti mesmo” — ainda é uma luz que pode iluminar nossas veredas. Pois só quando nos conhecemos é que começamos a compreender o mundo e a Criação Divina, e, principalmente, é quando percebemos que somos eternamente responsáveis pelo que fazemos e também responsáveis pelo mundo em que vivemos e pelo mundo que vamos deixar para as gerações posteriores. De agora em diante, vamos nos focar no que pode ser feito com a consciência de sustentabilidade do mundo.

3 Não esperar do outro

Como falamos anteriormente, se faz necessária uma tomada de consciência a respeito da nossa relação com a Natureza. No entanto, o processo para a mudança do quadro de destruição e domínio da Natureza para uma perspectiva não egoísta ou antropológica, não é estático. A humanidade não vai chegar um dia e simplesmente pensar que não pode mais destruir a Natureza. Este é um trabalho arduo que exige tempo e dedicação, pois, em sua essência, é algo que deve ser feito todos os dias. Conforme afirma Ailton Krenak, o nosso tempo é especialista em criar ausências, tanto no sentido de viver em sociedade quanto no sentido de experiências humanas (KRENAK, 2019, p. 26).

São essas ausências que, muitas vezes, andam de mãos dadas com a indiferença e a displicência contra o meio ambiente. Por isso, de nada adianta a consciência de que devemos de fato preservar a Natureza se nada é feito. Eis que surge a grande questão, o que fazer com a nossa consciência de sustentabilidade?

Não podemos nos esquecer de que estamos em uma era tecnológica que traz várias mudanças pertinentes para o mundo. A primeira e mais notável é a globalização, ou seja, o mundo inteiro conectado e trocando ideias, na mesma sintonia. Embora essas mudanças radicais no mundo — que surgiram no século passado com a invenção de computadores, máquinas diversas e celulares, por exemplo —, tenham possivelmente melhorado, ou pelo menos facilitado a vida do ser humano, também produzem um enorme aumento de descartáveis no planeta. No entanto, a tecnologia pode ser uma ótima aliada em defesa do natural, conforme afirma Leonardo Boff:

Devemos assumir tal postura. Se ajudou a destruir o planeta, a tecnociência pode também ajudar a salvá-lo e a resgatá-lo. Mas há limites. Atacam-se apenas as conseqüências. Não se desce à identificação das causas da depredação e agressão do conjunto dos seres da Natureza com suas relações de equilíbrio (BOFF, 2004, p. 19).

Já cômicos da nossa situação atual e principalmente de nossa dependência respeito à Natureza, devemos fazer alguma coisa. Mas, muitas vezes é muito mais fácil imaginar e principalmente esperar dos outros. Por isso, temos que ter a consciência de que também somos responsáveis, quando alguma coisa pode ser feita. Ao deixar de esperar sempre dos outros; poderemos realmente fazer alguma coisa. O filósofo Francês Jean Paul Sartre (1905-1980) chamou de má-fé quando alguém tenta mascarar uma verdade desagradável para si mesmo; ou seja, se sempre esperamos ações de terceiros e os julgamos por não fazerem nada — quando tampouco fazemos —, estamos agindo de má-fé, sempre esperando ação dos outros, mas sem fazer nada (SARTRE, 2015, p. 91).

Então, não devemos agir de má-fé, mas ter consciência de que somos culpados pelo que está acontecendo com a Natureza; assim, podemos educar nossas crianças para que a consciência sustentável surja e seja cada vez mais presente no mundo. Apenas quando nos tornamos cômicos do que somos no mundo é que podemos atuar melhor a favor da sustentabilidade.

Não agir de má-fé é justamente entendermos a nossa responsabilidade para podermos fazer alguma coisa. O documento da Igreja, *Gaudium et Spes*, nos lembra que Deus destinou a terra a todas as pessoas e povos para que todos possam aproveitar, com equidade, sob as regras da justiça (CONCILIO VATICANO II, 1998, p. 528). Então, o primeiro passo do que fazer com a consciência que temos do mundo é justamente compreender, de maneira profunda e racional, que todos pertencemos a uma mesma rede e que, se qualquer nó dessa rede chamada Natureza arrebentar, tudo desaba.

Por isso, qualquer superioridade que pensamos que existe no mundo é, na verdade, algo puramente humano e inventado a partir de critérios que nós mesmos julgamos verdadeiros. Para a Natureza, conforme afirma o filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), o indivíduo é sempre indiferente, ela se importa com a espécie (SCHOPENHAUER, 2000, p. 79). Ao observarmos o mundo natural notamos que nenhuma espécie tem caça esportiva, por exemplo, ou que nenhuma espécie mata outros animais por prazer; quem faz isso são os seres humanos.

Então, a responsabilidade nossa para com a Natureza não é, na verdade, algo que deve ficar apenas na consciência, mas deve passar para o plano da ação. Racionalmente falando, não há absolutamente nada que nos dê motivos para pensar uma superioridade humana respeito aos demais seres ou que o homem seja superior à Natureza, muito pelo contrário. Vejamos:

Com efeito, sabemos: a criação inteira geme ainda agora nas dores do parto. E não só ela: também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo (A BÍBLIA, Romanos 8, 22, p. 1392).

Percebemos então que no trecho bíblico supracitado, a Natureza ainda geme pelas dores do parto, e grande parte desse sofrimento somos nós que causamos. Como dissemos anteriormente, nada nos garante superioridade relativa de alguma espécie da Natureza. A nossa consciência de sustentabilidade, durante muito tempo, não fez muita coisa. Mas, se qualquer pessoa for questionada sobre os cuidados que devemos ter com a Natureza, responderá com imediatismo assombroso que devemos preservá-la. Então, se essa consciência parece ser tão presente, por que o quadro de destruição parece não mudar?

No Sínodo para Amazônia, podemos notar um debate profundamente difundido nas questões ambientais, com foco especial na região amazônica, porém, não se restringe a uma região específica do globo. Vejamos:

Nosso planeta é um dom de Deus, porém sabemos da urgência de agir diante de uma crise socioambiental sem precedentes. Necessitamos uma conversão ecológica para responder adequadamente. Portanto, como Igreja Amazônica, diante da agressão cada vez maior contra nosso bioma ameaçado de desaparecer, com tremendas consequências para nosso planeta, nos colocamos em caminho inspirados pela proposta da ecologia integral (VATICANO, 2019, p. 65).

Há um chamado para caminharmos de mãos dadas com uma ecologia integral. E como já dissemos, essa deve ser uma ação diária e contínua. O maior afeto e respeito que podemos ter com a ecologia integral é tomar ações coerentes com a ideia de uma sustentabilidade e respeito com a Natureza. Se um filho vê um pai jogando lixo pela janela do carro, por exemplo, por mais simples que seja essa ação, demonstra — na consciência em formação que é a de uma

criança —, que jogar lixo pela janela não é problema. Agora, se esse mesmo exemplo é positivo, cresce uma consciência responsável pelo cuidado e zelo com a Natureza. Como amplamente difundido, não existe professor melhor do que o exemplo.

A Igreja, como formadora de opiniões e de consciências, deve sempre levantar a bandeira da luta por uma ecologia sustentável. Principalmente, dar exemplos a serem seguidos pelos seus fiéis e leigos. A pergunta do que fazer com a consciência que temos a respeito do cuidado com Natureza não é tão complicada quanto parece, ela é apenas uma ação que deve ser iniciada, e esse sim pode ser o maior problema.

Em nenhum momento o dom da Criação foi algo exclusivo do ser humano. Há sempre uma lição de humildade e de responsabilidade por trás. Podemos tomar o exemplo do Sermão da Montanha, que nos convida a olhar os pássaros do céu e os lírios do campo, que não tecem nem fiam, no entanto, nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles (A BÍBLIA, Mt 6, 22, 1995, p. 1200). Percebemos que não há superioridade, qualquer que seja, na Natureza. Nossa consciência deve ser o que nos move a fazermos alguma coisa a respeito da Natureza e de uma ecologia integral. Não esperar dos outros, mas também fazermos a nossa parte; por mínima que possa parecer, é o primeiro e o mais importante passo para qualquer mudança.

4 Considerações finais

Percebemos que, tanto no âmbito psicológico quanto no social, todos fazemos parte da Natureza e dependemos dela. E ao entendermos isso, também notamos a relevância de uma luta pelos cuidados com o meio ambiente. Raramente se duvidaria da nossa responsabilidade respeito a uma ecologia integral, a grande questão é como devemos fazer isso. Conforme dissemos anteriormente, existe uma necessidade de entendermos a forma como estamos inseridos na Criação do mundo e qual nosso papel nesse meio. Com isso, percebemos que a consciência — tanto a de que somos seres da Natureza quanto a de que dependemos dela — nos leva a conceber perspectivas ecológicas.

Com o passar dos séculos, o antropocentrismo ganhou força e relevância no mundo. Pouco se fez durante muito tempo no âmbito da sustentabilidade, por isso agora, mais do que nunca, necessitamos entender muito bem os problemas ambientais para podermos tomar partido em nossas atuações do cotidiano. Tais ações sustentáveis começam, como foi dito anteriormente, quando a consciência de que somos e estamos na Natureza surge. O mundo não é algo que nos foi proporcionado para usarmos infinitamente, muito pelo contrário, como um dom da Criação, ele é um bem que nos foi dado para partilharmos e contribuirmos para a vida.

Se temos a consciência ecológica de proteção e preservação do mundo, também teremos um caminho à nossa frente. Caminho esse que é feito por pequenas ações ecológicas que, em primeira instância, parecem ter pouca importância, no entanto — aos poucos e com o passar das gerações —, pode ter um efeito extremamente positivo. Afinal de contas, a perspectiva de zelarmos por algo que não nos pertence nos parece absurda e sem sentido, por isso, ao notarmos que também somos a Natureza, é nossa responsabilidade ética e moral cuidarmos dela.

O grande problema que surge na discussão a respeito de uma ecologia integral não é o que devemos ou por que devemos fazer, mas sim a ação de fazer por si própria. Ninguém nega que devemos proteger a Natureza, no entanto, poucos são os que tomam consciência disso e agem de forma a protegê-la. Por isso, durante todo esse trabalho, ressaltamos a importância da consciência ecológica, pois é a que permite o primeiro passo em busca de uma ecologia integral. Quando nos tornamos conscientes do lugar que ocupamos no mundo é justamente quando podemos zelar pela Natureza — nossa casa — e pelo nosso mundo.

Referências

A BÍBLIA. **Tradução Ecumênica**. São Paulo: Paulinas e Loyola, 1995.

BOFF, Leonardo. **O grito da terra e o grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CONCILIO VATICANO II. **VATICANO II: mensagens, discursos e documentos**. São Paulo: Paulinas, 1998.

FRANCISO, Papa. **Laudato Si'**. São Paulo: Loyola, 2015.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. São Paulo: L&PM, 2010.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor e metafísica da morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VATICANO. **Sínodo dos bispos, assembleia especial para a região pan-amazônica: Amazônia, novos caminhos para uma igreja e uma ecologia integral**. São Paulo: Paulus, 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html. Acesso em: 25 mai. 2019.